



## O imaginário das mulheres negras silenciadas: um universo de símbolos e sentidos

The imagery of silenced black women: a universe  
of symbols and meanings

Jacira Reis da Silva  
jaresi@terra.com.br  
Lucia Maria Vaz Peres  
lvperes@terra.com.br

---

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é entretecer dois olhares, tendo em vista os referenciais teóricos das representações sociais (Moscovici, 1978; Faar e Moscovici, 1984), desenvolvidas na tese de Silva (2000), e os estudos referentes ao campo do imaginário (Durand, 1989), acerca do ser-professor, desenvolvida na tese de Peres (1999). O tema central para o entrecimento destes dois pontos de vista tem como foco depoimentos de 15 professoras negras sobre suas trajetórias escolares, coletados em pesquisa realizada na cidade de Pelotas-RS, em 1999. O elemento simbólico agregador da interlocução entre os dois campos teóricos é a "Lenda do Barro Duro" (Silveira, 1993). Portanto, este trabalho é fruto de um desejo e de uma interlocução conjunta, no Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Imaginário, Educação e Memória (GEPIEM), com o intuito de trazer à luz a questão dos símbolos e sentidos subsumidos na cultura afro-descendente, neste caso, na trajetória de professoras negras. Nosso intento, além de mostrar a possibilidade de outras leituras acerca do tema, é apresentar a riqueza, a diversidade e a complexidade presentes no imaginário humano, desde os recortes das vozes destas mulheres e da lenda apresentada.

**Palavras-chave:** imaginário, educação, mulheres negras.

**Abstract:** This paper connects two perspectives, taking into account the theoretical references of social representations (Moscovici, 1978; Faar e Moscovici, 1984), as developed in Silva's thesis (2000), and the studies of the field of imagery (Durand, 1989) on being a teacher, as developed in Peres' thesis (1999). The connection of these two points of view focuses on the testimonies of 15 black female teachers about their schooling processes, collected in an investigation carried out in the city of Pelotas-RS, in 1999. The symbolic element that integrates the two theoretical fields is the "Hard Clay Legend" (Silveira, 1993). Thus, this paper results from a collective desire and dialogue in the Study and Research Group on Imagery, Education and Communication. It has the purpose of discussing the symbols and meanings present in Afro-Brazilian culture, particularly in the life stories of black teachers. Besides presenting the possibility of different interpretations of this topic, it intends to show the richness, diversity and complexity that can be found in human imagery by using the women's voices and the legend.

**Key words:** imagery, education, black women.

---

Este trabalho busca entrecruzar pontos de vista entre os silenciamentos da professora/mulher negra e o imaginário, tendo como “matéria-prima” as reflexões oriundas da tese de doutoramento intitulada *Mulheres caladas: trajetórias escolares de professoras negras em Pelotas* (Silva, 2000), e os estudos da Antropologia do Imaginário voltada para o foco da formação docente; dos matriciamentos, que constituem o ser-professor (Peres, 1999). A riqueza, diversidade e complexidade dos depoimentos coletados nestes trabalhos permitiriam realizar inúmeras reflexões, que, hoje, no decurso de nossas interlocuções teóricas, no GEPI-EM, nos apresentam outras possibilidades de interpretação. Nesse sentido entrecruzamos olhares de dois pontos de vista teóricos, a saber: as representações sociais (Moscovici, 1978; Faar e Moscovici, 1984), desenvolvidas na tese de Silva (2000), e os estudos referentes ao campo do imaginário (Durand, 1989) acerca do ser-professor, desenvolvidos na tese de Peres (1999). Para tal desenvolvimento a “Lenda do Barro Duro” (Silveira, 1993) constitui-se como um elemento simbólico agregador das reflexões neste ensaio. Eis a lenda:

Nas Terras do Laranjal, na fazenda de Nossa Senhora dos Prazeres, quando Sinhá Dona morreu, deixou testamento. Donga, escrava da fazenda ficaria alforriada. Entre outras heranças de muito valor, Sinhá Dona deixava trezentos mil réis para repartirem com três mulheres brancas e pobres a fim de se vestirem decentemente para frequentar as missas.

Quem devia repartir o dinheiro era um padre novo, recém-chegado da Bahia. O padre, sabendo que os negros eram mais de Batuque do que da Igreja, planejou conquistar Donga para a devoção católica. Deu-lhe de presente os trezentos mil réis que seriam das brancas, em troca da sua frequência à igreja, aos Santos Ofícios Católicos. Recomendou-a que levas-

se Benedito, seu marido, e Nioro, seu filho. Desta forma, outros negros a seguiriam. Seria bom se levasse também Joaquim e Inácia, pretos de muita liderança e estimados pelos outros. O padre novo desviou o testamento. Afinal, Sinhá Dona, defunta, não podia reclamar nada.

Donga, alforriada e com trezentos mil réis, batia cabeça para Oxum, agradecia a Oxalá, rezava Ave-Maria para Nossa Senhora dos Prazeres. Donga era um todo fragmentado. De um lado, Terreiro, do outro, Igreja.

Os mil réis foram escondidos no fundo de uma cacimba que só a Donga conhecia, bem pertinho da vertente mais límpida dos matos dos laranjais. De vez em quando, guardava mais dinheiro que ganhava fazendo doces para as Sinhás, donas das charqueadas.

No fundo da cacimba, a negra Donga acalentava um sonho.

Enquanto os dias passavam, seu filho Nioro ia crescendo bonito, amado de pai e mãe, correndo pelos laranjais, na Fazenda. O menino desfrutava de toda aquela energia cósmica do verde das plantas, das águas da Lagoa dos Patos, da brisa suave, da areia gostosa de pisar. Assim, o menino ia crescendo. Donga desejava o filho lendo, escrevendo, seu doutor, negro senhor. Não queria ver Nioro um salgador de carne, escorrendo sangue de bicho pelas pernas, servil e maltratado.

Dentro da cacimba, escondia-se o tesouro para a realização dos desejos de Donga.

Foi então que apareceu o professor Quintilha.

Não possuía escola, nem giz, nem caderno, nem cadeira, nem livro, mas, mesmo assim, ensinava as primeiras letras. Nioro aprendia a lição quase à beira da praia, sentado sob as aroeiras. Donga pagava o Quintilha, e o filho estudava, escondido.

Das primeiras letras do Quintilha, o menino passou para o Mestre Gonzáles.

Aprendeu Gramática, Latim, Matemática, Geometria e Francês. Donga pagava o Gonzáles, e o filho estudava, escondido.

Vieram muitos professores e Nioro aprendeu tudo que lhe ensinavam. Não havia mestres para Nioro, nas Terras

do Laranjal.

Donga pescou todos os mil réis da cacimba. Nioro viajou, pegou carreta, navegou navio, foi longe...

As negras e os negros da fazenda continuavam suas lidas, comandados humildes de serventia braçal. Donga fazia doces, curtia licores. Sentava próximo à escadaria da igreja e vendia seus quitutes num tabuleiro colorido e cheiroso de erva-doce dos pães, dos licores, das cocadas, rapaduras de leite, quindins e bolos de milho. Sempre a mesma lida, transformava doce em mil réis para os estudos de Nioro.

Quando Nioro retornou às Terras do Laranjal, estava mais sabido e mais letrado que todos os seus mestres.

Foi recebido com toque de tambor, dança de mina, festa alegre de negro contente.

Não esqueciam de pedir proteção para o padre novo que ajudara Donga. Bendiziam-no indo de vez em quando à Igreja, ficando todos de pé, bem visíveis.

Naquelas bandas do Laranjal de Pelotas não conheciam negro professor, nem negro doutor. Nioro era o primeiro negro professor doutor. Seria apenas um negro e nada mais nas Terras do Laranjal?

Nioro sem escola, sem alunos, sem clientes, chorava sob as aroeiras.

As árvores choravam juntas, gotejavam lágrimas do negro.

Donga desesperou-se com o sofrimento do filho. Rezava para Iroko, pedindo que fizesse passar depressa aquele tempo maldito. Implorava-lhe a mudança do Odu de seu filho.

Tomada pelo desalento, consultou Ifá e sugestionou-o a tornar melhores os dias de seu Nioro. Ifá, compadecido da negra Donga, determinou obrigação. Teria de encontrar junto com o filho um lugar nas Terras do Laranjal que fosse mais pródigo em natureza do que todos os outros lugares. Deveria ser um lugar verde e azul, ao mesmo tempo, campos e água, matas e areias divinas. Ao encontrar o lugar, Nioro ficaria ali deitado, aguardando chover.

A obrigação estava marcada. Nioro adormeceu em terras divinas do Laranjal. Recebeu chuva miúda na cabeça. Eram lágrimas de Nanã, chegando

ao Sul, mudando o destino do moço negro.

Donga aguardava, ao lado do filho, tudo que fora prometido por Ifá.

Quando Nioro despertou de cabeça lavada, tornou-se Mindolé-Miandombé (preto-branco). Donga não o reconheceu, e o filho não reconheceu a mãe, nem seu povo.

Entende?

Donga ficou tomada de desespero, mas Nioro foi ser professor, doutor, tudo que sonhara para o seu filho negro.

Ifá havia sido muito cruel, retirando a negritude de um negro, em vez de ensinar-lhe a guerrear para vencer.

Pobre Donga! Andava pelas Terras do Laranjal em total obsessão. Encontrou Omolu, que a convidou para seguir-lhe os passos até onde Nioro havia feito obrigação. Louca de saudade de seu filho, ao ver o local tão lindo, junto à praia em que ele estivera adormecido, jogou-se nas águas da lagoa e morreu. Omolu carregou-a para o céu de Orum para acabar de vez com seus sofrimentos.

Contam que os pescadores encontraram o corpo de Donga às margens da praia, e que, ao tocá-lo, transformou-se em BARRO DURO, escuro e brilhante, espalhando-se pela orla. Gritaram assustados: BARRO DURO, TERRA DE NEGRO. Assim batizaram o lugar em que Donga virou barro de tanta saudade de seu filho negro-branco.

O Barro Duro tornou-se um lugar mágico. Todos os negros são atraídos para lá, porque Oxalá permitiu-lhes consolar a Negra Donga. Por isso, o Barro Duro é uma irmandade de negros dos mais diferentes níveis socioeconômicos e culturais.

Preservem o Barro Duro. Donga não pode ficar sozinha, sem carinho. Precisa de apoio como todas as mães pretas que acreditam mudar o destino de

seus filhos para dias melhores. Precisa coragem.

Cuidem bem das aroeiras, elas guardam as lágrimas de Nioro. Todos os negros devem saudá-las com bom-dia, se for noite; e com boa-noite, se estiver dia. É uma brincadeira dos Exus, fazendo com que recordem de Nioro que Ifá fez parecer o que não era.

A maldição de Nioro é uma alergia que dá em qualquer negro que fica chorando sob as aroeiras da vida, em vez de ir à luta, acreditando nas possibilidades de inverter posições sociais, conservando a negritude (Silveira, 1993)<sup>1</sup>.

Ao retomarmos as “vozes” das professoras negras sobre seus silêncios, tendo como elemento de sutura o campo simbólico que advém da “Lenda do Barro Duro” (Silveira, 1993), percebemos a promessa desta interlocução, onde os símbolos e os sentidos poderiam dar um outro tom naqueles relatos. Foi possível perceber homologias<sup>2</sup> entre os relatos das professoras e o conteúdo arquetipológico que emerge da lenda, sobretudo no que diz respeito à circulação de sentidos acerca do conhecimento sobre o negro. Neste caso específico, trataremos o conhecimento como pertencimento a um determinado grupo, a partir do universo individual e coletivo que transita no imaginário das professoras mulheres negras.

A lenda traz como *mitema* (Durand, 1988, 1989)<sup>3</sup> principal a ascensão do negro através do conhecimento e pelo branqueamento que remetia ao *modus operandi* dos brancos: ser letrado, ser doutor, talvez para não ser maltratado.

Donga desejava o filho lendo, escrivendo, seu doutor, negro senhor. Não queria ver Nioro um salgador de carne, escorrendo sangue de bicho pelas pernas, servil e maltratado<sup>4</sup>.

A valorização do conhecimento como possibilidade de uma vida melhor também é uma representação recorrente nos depoimentos das professoras quando relatam o estímulo que as famílias davam aos filhos para que estudassem.

*Minha mãe dizia: estuda, minha filha, se não tu vais continuar sendo o que eu sou, trabalhando no pesado, na limpeza das casas* (Quênia in Silva, 2000, p. 115).

Trabalho pesado onde, talvez, não escorresse sangue de bicho – e sim a água suja – pelas pernas, mas, da mesma forma, trabalho servil, onde, muitas vezes, eram também maltratadas.

Donga fazia doces, curti licores. Sentava próximo à escadaria da Igreja e vendia seus quitutes num tabuleiro colorido e cheiroso de erva-doce dos pães, dos licores, das cocadas, rapaduras de leite, quindins e bolos de milho. Sempre a mesma lida, transformava doce em mil réis para os estudos de Nioro.

O desejo da mãe pela ascensão do filho era tão grande que fez das suas lides e seduções alimentares – quitutes saborosos – a porta de acesso para manter seus estudos.

Homologicamente, Anastácia revela os esforços que sua família fazia para que pudesse estudar; tal qual Donga fazia por seu filho Nioro.

*Minha mãe era empregada na casa, e meu pai cuidava das planta-*

<sup>1</sup> A Lenda foi retirada de um texto digitado, sem numeração e continha apenas a indicação da fonte.

<sup>2</sup> A homologia, diferente da analogia, caracteriza-se pela convergência de semânticidade que está na base de todo símbolo trazendo, assim, a materialidade de elementos semelhantes mais do que apenas uma sintaxe. Sobretudo, veremos que os símbolos constelam porque são desenvolvidos de um mesmo tema arquetipal, porque são variações sobre um arquétipo (Durand, 1989, p. 31).

<sup>3</sup> Entendendo mitema como estruturas invisíveis que emerge de uma narrativa. Para Durand a “substância” dos “mitemas” não se encontra somente na narração, senão no sentido e no simbolismo que daí emergem. Portanto, eles referem-se aos núcleos organizadores do imaginário (Durand, 1989, p. 31), apresentando tendências permanentes e acenando para o caráter mítico de natureza estrutural – “arquetípico” no sentido junguiano e “arquetipológico” no sentido durandiano.

<sup>4</sup> Todos os excertos retomados ao longo do texto, referem-se a fragmentos extraídos da lenda transcrita, na íntegra, no início deste artigo.

ções, da horta, do jardim. Eles faziam aquele sacrifício todo para poder me dar os cadernos, o uniforme. Para eu não parar de estudar, para eu ter uma vida melhor que a deles (Anastácia in Silva, 2000, p. 115).

Assim como Donga, que nos mil réis escondidos no fundo da cacimba, acalentava um sonho – conseguir que suas filhas lessem e escrevessem era o desejo e o sonho acalentado no fundo das tinas de lavar roupa pelas mães-Dongas das professoras.

A lenda refere que Nioro aprendia a lição quase à beira da praia, sentado sob as aroeiras. Donga pagava o Quintilha, e o filho estudava, escondido. Das primeiras letras do Quintilha, o menino passou para o Mestre Gonzáles. Aprendeu Gramática, Latim, Matemática, Geometria e Francês. Donga pagava o Gonzáles, e o filho estudava, escondido.

Não estudar ou estudar escondido foi, durante muito tempo, o destino da maioria dos negros, no Brasil e na zona sul do Rio Grande do Sul. Segundo Dalla Vecchia (1993), muitos negros conseguiam aprender a ler e escrever observando as aulas dadas aos filhos dos senhores ou por esforço próprio. Como Nioro, estudavam escondidos! Um dos depoimentos colhidos pelo autor citado acima é exemplar:

*A escrevê aprendi por experiência. [...] Isso de lê livro, eu achei enterrado num lugar de pedras, muitos livros antigos. [...] Aqueles livros eram de gente que morrerá. [...] Ficou enterrado e eu achei. Eu fazia assim... quando estava solito, silencioso e ninguém me falasse, eu me escondia pra ler no mato, depois alevantava aquelas pedras e deixava meu livros ali (Raul, 94 anos, in Dalla Vecchia, 1993, p. 283).*

O mesmo autor também refere que uma de suas depoentes contou que sua mãe nunca foi à escola.

*Pelo que me conta aprendeu sozinha, soletrando sua cartilha na*

*beira da sanga quanto lavava a roupa dos patrões. Comprou o livro escondido com o dinheiro que ganhou aparando palha de milho para fazer blocos para cigarro (Ana Maria, 52 anos, in Dalla Vecchia, 1993, p. 276).*

Todo o esforço de Donga teve como resultado que, quando Nioro retornou às terras do Laranjal, estava mais sabido e mais letrado que todos os seus mestres.

Nioro era o primeiro negro professor doutor. Naquelas bandas do Laranjal de Pelotas não conheciam negro professor negro, nem negro doutor. Nioro era o primeiro negro professor doutor.

Mas, Nioro sem escola, sem alunos, sem clientes, chorava sob as aroeiras. Seria apenas um negro e nada mais nas Terras do Laranjal? As histórias de Quênia, primeira professora negra formada em Pelotas, hoje falecida, e de Anastácia reatualizam e presentificam a lenda quando contam passagens de suas trajetórias profissionais:

*Quando eu me formei, fui designada para trabalhar fora de Pelotas. Fiquei muitos anos fora. Quando voltei, eu encontrei de tudo. Começou na escola para onde fui. Tinha uma servente que me conhecia porque ela tinha sido empregada na casa da família para a qual minha mãe lavava roupa. Quando soube que eu ia para a escola, ela chegou para a diretora e disse: não aceita essa criatura. Uma criatura que não sabe nem se arrumar. Tinha também aquelas professoras que não queriam relações (Quênia in Silva, 2000, p. 144).*

*Eu já trabalhei em muitas escolas em outras cidades. Mas quando cheguei aqui em Pelotas foi que eu senti mais. Eu recém tinha iniciado, era professora bem novinha, no Município. Antes, eu trabalhava de secretária, na zona rural. Naquela época, eu não tinha classe porque*

*só tinha o segundo grau. [...] Quando me formei em Educação Física, passei a ser professora e vim para a cidade. Quando eu cheguei na escola, olharam para mim e disseram: não tem mais lugar, já tem outra moça na vaga. Eu disse: mas fui transferida, o lugar é meu! [...] Arranjaram um monte de desculpas. Ai eu disse: bom, se vocês não podem resolver meu caso, eu vou adiante. Eu fui falar com o Prefeito. Conte toda história, e ele ligou para a Secretaria Municipal de Educação e perguntou o que estava acontecendo. Ele perguntou onde estava a professora que tinha sido contratada para ir para zona rural, no meu lugar. Elas disseram que ela estava na cidade e que não queria ir mais para a colônia. Ai ele disse: então, se vocês não arrumarem outra escola para Anastácia, vocês mandem essa moça para o lugar dela e ela fica na escola da cidade, como estava combinado e ela tem direito. Mesmo assim, acho que elas tentaram argumentar e ai foi quando eu ouvi ele perguntar se era porque eu era “de cor” que elas não conseguiam resolver o problema. Para mim estava claro que o motivo era esse. Ai eu aprendi que não dá para ficar calada. Aquilo correu de boca em boca e eu fiquei respeitada (Anastácia in Silva, 2000, p. 142).*

Anastácia e Quênia: professoras negras que tiveram dificuldades em conquistar seus lugares? Seriam elas, também, apenas duas negras e nada mais nas escolas de Pelotas? Teriam elas, como Nioro sem escola, sem alunos, sem clientes, chorado sob as aroeiras?

Desesperada com o sofrimento do filho, Donga implorou pela mudança do Odu de Nioro.

*Tomada pelo desalento, consultou Ifá e sugestionou-o a tornar melhores os dias de seu Nioro. Ifá, com padecido da negra Donga, determinou obrigação [...] A obrigação*

*estava marcada. Nioro adormeceu em terras divinas do Laranjal. Recebeu chuva miúda na cabeça. Eram lágrimas de Nanã, chegando ao Sul, mudando o destino do moço negro.*

*Ifá, compadecido da negra Donga, determinou obrigação. Quando Nioro despertou de cabeça lavada, tornou-se Mindolé Miandombé (preto-branco). Donga ficou tomada de desespero, mas Nioro foi ser professor, doutor, tudo que sonhara para o seu filho negro. Ifá havia sido muito cruel, retirando a negritude de um negro, em vez de ensinar-lhe a guerrear para vencer.*

Nioro era professor doutor, mas era negro! Para ser aceito precisava ser branco. O conhecimento, por si só, não lhe garantiu aceitação e reconhecimento. Precisava ser legitimado pelo branqueamento.

O que fizeram Anastácia e Quênia? Pediram pela mudança de seu Odu? Ficaram chorando sob as aroeiras?

Parece que não, ao que tudo indica, pelas suas falas, a *maldição de Nioro, uma alergia que dá em qualquer negro que fica chorando sob as aroeiras da vida*, não as contaminou. Ao contrário, foram à *luta, acreditando nas possibilidades de inverter posições sociais, conservando a negritude*, pois, como disse Anastácia: *“Aprendi que não dá para ficar calada; fiquei respeitada”* (Silva, 2000, p. 142).

Podemos perceber que há um conjunto de imagens, tanto nos depoimentos quanto na lenda, apontando para o que Durand (1989, p. 18), chamou de “capital pensado pelo *homo sapiens*”, o qual nos aparece como um denominador fundamental onde convergem todas as criações do nosso pensamento. Nesse sentido, como no dizer do antropólogo, “o imaginário está na encruzilhada antropológica que permite esclarecer um aspecto de uma determinada ciência humana por um outro aspecto de uma outra” (Durand, 1989, p. 18).

Importante, então, dizer que ainda que os mitos, conhecidos das sociedades arcaicas, estejam “adormecidos” para o mundo urbano moderno e inconoclasta, alguns deles coexistem no mundo “civilizado”. São estas convergências com esses elementos míticos que estamos exercitando nesse ensaio.

Percebemos que, na lenda, a ascensão do negro pelo conhecimento inclui o branqueamento, enquanto isso não ocorre da mesma forma nos depoimentos das professoras.

A idéia do branqueamento por parte das professoras aparece nas falas onde elas criticam o currículo e conteúdos escolares, dizendo que estes, por serem organizados e selecionados tendo como parâmetro a visão dominante branca, não ajudam o negro a se reconhecer enquanto tal. Quanto a elas, ao contrário, dizem que foi a possibilidade de conhecer, estudar, esse conhecimento que lhes oportunizou uma maior auto-estima, identificação étnica, outra posição social e, profissionalmente, experimentar outras práticas pedagógicas.

Se, por um lado, as professoras valorizam o conhecimento como possibilidade de ascensão, pode-se pensar que Nioro também a desejava. A simbólica do branqueamento pode refletir uma necessidade de pertencimento, pois Nioro, mesmo sabido, continuava com a escola vazia. Diante disso Ifá intercede, a pedido de Donga, pelo caminho mais comum – o caminho do branqueamento.

Interessante também observar que quando as professoras se referem ao modo como os alunos as vêem, quase todas disseram que parece que elas não têm cor/raça. Quando se deparam com situações de discriminação entre as crianças e tentam resolvê-las comparando-se às crianças negras, os alunos não as reconhecem como negras, dizendo: “não, professora, a senhora não é negra”.

*É muito complicado e muito estranho. Parece, assim, que o professor não tem cor. Eu acho que é porque tu já tens um nível de escolaridade que te sustenta. Tu não és empregada, tu és professora!* (Luanda, in Silva, 2000, p. 155).

Quando a professora é mulata, segundo algumas professoras, essa negação naturalmente se acentua.

*Como eu sou assim, mais clara, mulata, quando eu começo a falar sobre os negros e digo para eles que eu sou negra e que nós negros temos que nos valorizar, estudar, procurar saber mais da nossa história, os alunos dizem: mas a senhora não é bem negra! A senhora já é uma mistura.* (Benita in Silva, 2000, p. 155).

As professoras que vivenciaram estas situações levantam a hipótese de que essas atitudes podem estar ligadas à representação social (Moscovici, 1978) de que o estudo confere *status*.

Por outro lado, as professoras dizem que este olhar pode estar expressando uma outra representação mais preconceituosa: como uma negra conseguiu chegar até aí?! Ou seja, se no imaginário social a idéia de negro está ligada à sua incapacidade intelectual e se ela conseguiu ser professora, então, não pode ser negra. O saber lhe transmutou o pertencimento étnico, na visão dos alunos, as branqueou.

Pois, pela parcela de saber acumulado, ser professora confere certo *status*, na medida em que, pertencendo a um grupo racial/étnico visto como incapaz de desenvolver certas atividades, a cor dessas professoras passa a ser negada ao romperem, pela posição alcançada, com esta representação estigmatizada. Se elas participam de um grupo social onde o espaço, ainda que lhes possibilite um maior acesso, é ocupado majoritariamente por pessoas brancas, negar o reconhecimento de sua cor é, de certa forma, negar o reconhecimento da competência do negro para ocupar

este espaço, a não ser que passem a ser *Mindolé-Miandomblé*.

A ação de negação dos alunos é orientada por essas representações sociais introjetadas, no e pelo trajeto do *homo diabolicus*, que tudo separa e julga, nos regimes diurnos de pensar e ser. Ao contrário, o *homo symbolicus* busca unir e eufemizar as “querelas” deixadas por este regime que tudo separa, buscando no regime noturno a possibilidade de unir os aparentemente opostos. Por exemplo: o negro e o branco, as trevas e a luz.

Juntamente com o mitema da ascensão do negro através do conhecimento e pelo branqueamento, percebemos uma forte influência do arquétipo matriarcal, a presença da mãe como fomentadora de crescimento e ascensão de sua prole.

Aqui chegamos a uma das principais características do arcabouço mítico africano. Ao contrário do que à primeira vista parece ser predominante, “a cultura africana possui valores matriarcais (noturnos) fundantes” (Ferreira Santos, 2004, p. 139).

Portanto, podemos inferir que outro grande mitema, tanto na lenda como nos depoimentos das professoras, diz respeito à *mãe matriz de ascensão*. São muitos os sentidos e as representações simbólicas deste arquétipo motriz da mãe atualizada na mãe cotidiana, mas cujo fio está na ancestralidade.

Mães que, como Donga, trabalhavam, sofriam, acalentavam sonhos e desejos de uma vida melhor para suas filhas.

*Donga, alforriada e com trezentos mil réis, batia cabeça para Oxum, agradecia a Oxalá, rezava Ave-Maria para Nossa Senhora dos Prazeres. De um lado, Terreiro, do outro, Igreja. Donga era um todo fragmentado.*

Mães que, como Donga lutando pelo reconhecimento e o não sofri-

mento do filho, ainda pelo caminho do branqueamento, reatualizam essa fragmentação expressa pelas professoras quando falam sobre algumas práticas familiares como o alisamento de cabelo, o policiamento, as posturas para “manter a linha”, ou seja, comportar-se como branco (para não dar margem a comentários pejorativos).

Talvez esta seja uma outra roupagem do branqueamento presente no imaginário destas mulheres. Sabemos que um “mundo subterrâneo” coexiste em todo o ser humano e, sobretudo, é parte da complexidade que fomenta o trajeto antropológico do Imaginário (Durand, 1989). Nele subsiste a prenhez dos símbolos e das significações, muitas vezes desconhecida devido a suas múltiplas camadas e dimensões (Teves, 1994).

A lenda, ao trazer o Barro Duro (localidade do município de Pelotas – Balneário dos Prazeres), demarca uma forte pregnância simbólica da GRANDE-MÃE TERRA. Aqui simbolizada pela Donga que se entrega ao feminino das águas como busca da alquimia<sup>5</sup> de seu sofrimento pelo branqueamento do filho.

*Pobre Donga! Andava pelas terras do laranjal em total obsessão. Encontrou Omolu, que a convidou para seguir-lhe os passos até onde Nioro havia feito obrigação. Louca de saudade de seu filho, ao ver o local tão lindo, junto à praia em que ele estivera adormecido, jogou-se nas águas da lagoa e morreu. Omolu carregou-a para o céu de Orum para acabar de vez com seus sofrimentos. Contam que os pescadores encontraram o corpo de Donga às margens da praia, e que, ao tocá-lo, transformou-se em BARRO DURO, escuro e brilhante, espalhando-se pela orla.*

Barro Duro, Barro Forte sedimentado na história de um espaço eter-

nizado no tempo, cuja mítica nos remete ao sentido de Nanã como matriz geradora de vida através do barro. Nesse sentido, a lenda nos remete ao animal simbólico (Cassirer, 1994) chamado homem, onde suas ações estão encharcadas de conteúdo mítico repleto de imaginário, símbolos e sentidos que instituem a realidade. A lenda é rica em expressões que revelam a dramática escolha de Donga em silenciar sua vida ao perceber que seu filho Nioro silencia sua identidade de sujeito negro ao assumir como marca de si, o outro: Mindolé Miandombé (preto-branco), bem como o sentido simbólico da presença do padre (representante da cultura branca) e dos rituais africanos para festejar a ascensão de um negro.

*Quando Nioro retornou às terras do Laranjal, estava mais sabido e mais letrado que todos os seus mestres. Foi recebido com toque de tambor, dança de mina, festa alegre de negro contente. Não esqueciam de pedir proteção para o padre novo que ajudara Donga. Bendiziam-no indo de vez em quando à Igreja, ficando todos de pé, bem visíveis. Naquelas bandas do Laranjal de Pelotas, não conheciam negro professor, nem negro doutor. Nioro era o primeiro negro professor doutor. Seria apenas um negro e nada mais nas terras do Laranjal?*

Concluindo diríamos que, ao aproximar o foco entre as representações e o imaginário, fundamentalmente, procuramos tecer reflexões a partir de uma abordagem antropológica e histórica, na direção de uma “hermenêutica instauradora” (Durand, 1988) de símbolos e sentidos, para além de um ponto de vista racionalizante. A emergência deste “outro olhar” deriva do fluxo de “outros” conhecimentos e interpretações que advêm do

<sup>5</sup> No sentido de transmutar, transformar um estado em outro. Donga não morre! Ela retorna a sua origem de barro, eternizando-se na grande mãe-terra, representada, na cultura afro, por Nana.

imaginário; do homem como animal simbólico (Cassirer, 1994).

Ao entendermos o homem como Cassirer o entende, buscamos refletir sobre “novos” sentidos que emergem dos relatos das professoras mulheres negras, apoiadas numa concepção de cultura que compreende as relações humanas como uma “teia de significados” (Geertz, 1989), que tramam, tecem e instituem modos de ver, sentir e representar o vivido da mulher negra silenciada.

Neste sentido, o estilo da hermenêutica instauradora, preconizada por Durand (1988), valoriza a interpretação na dinâmica do processo, para além de resultados preconcebidos que influenciaram e instituíram um jeito de ser/tornar-se professora.

Portanto, pensar sobre o silenciamento dessas professoras/mulheres negras, desde esta perspectiva, foi instigador e resultante de correlações complexas, de trocas incessantes entre as pulsões subjetivas e as intimidades da cultura do branqueamento. Uma perspectiva muito próxima do trajeto antropológico do imaginário, preconizado por Durand (1989).

O mais paradoxal é que as vozes dessas mulheres como as da lenda do Barro Duro ecoam há muito tempo, por longos espaços, através de gerações... Elas são presentes em nós, embora sufocadas... Submergem na circulação do imaginário que nos afeta: *BARRO DURO, TERRA DE NEGRO. Assim, batizaram o lugar em que Donga virou barro, de tanta saudade de seu filho negro-branco.*

Por isso, na religiosidade afro-pelotense, Barro Duro foi escolhido para sediar a gruta e as homenagens a Iemanjá (Filha de Nanã). Então, num isomorfismo de homologias, Donga se filia a Nanã, quando retorna às suas origens arquetipais – o barro como fundamento da criação. Por isso, no imaginário local, Barro Duro é praia de negro!

*O Barro Duro tornou-se um lugar*

*mágico. Todos os negros são atraídos para lá porque Oxalá permitiu-lhes consolar a Negra Donga. Por isso, o Barro Duro é uma irmandade de negros dos mais diferentes níveis socioeconômicos e culturais.*

Assim, a construção e a organização do real ocorre no próprio imaginário que dormita em todos nós.

## Referências

- CASSIRER, E. 1994. *Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana*. São Paulo, Martins Fontes, 380 p.
- DALLA VECCHIA, A.M. 1993. *Os filhos da escravidão: memórias de descendentes de escravos da região meridional do Rio Grande do Sul*. Pelotas, Editora Universitária/UFPel, 297 p.
- DURAND, G. 1988. *A imaginação simbólica*. São Paulo, Cultrix, 114 p.
- DURAND, G. 1989. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Lisboa, Editorial Presença, 326 p.
- FAAR, R.M e MOSCOVICI, S. 1984. *Social Representations*. Cambridge, Cambridge University Press, 50 p.
- FERREIRA SANTOS, M. 2004. *Crepusculario*. São Paulo, Zouk, 207 p.
- GEERTZ, C. 1989. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, LTC, 323 p.
- MOSCOVICI, S. 1978. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar, 350 p.
- PERES, L.M.V. 1999. *Dos saberes pessoais à visibilidade de uma Pedagogia Simbólica*. Porto Alegre, RS. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, 152 p.
- SILVA, J.R. 2000. *Mulheres caladas: trajetórias escolares de professoras negras em Pelotas: produção/circulação de representações sobre os negros na escola*. Porto Alegre, RS. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, 210 p.
- SILVEIRA, M.H.V. 1993. *Odara: fantasia e realidade*. Porto Alegre, Texto digitado, 15 p.
- TEVES, N.A. 1994. Educação e imaginário social: revendo a escola. *Em Aberto*, 61:5-14.

Submetido em: 15/03/2007

Aceito em: 30/05/2007

Jacira Reis da Silva  
Professora aposentada  
Departamento de Ensino/FaE/UFPel  
Pesquisadora do GEPIEM  
Rua Alberto Rosa, 154  
96010-770 Pelotas, RS, Brasil

Lucia Maria Vaz Peres  
Professora Associada I  
Departamento de Fundamentos da  
Educação/FaE/UFPel  
Pesquisadora e líder do GEPIEM  
Rua Alberto Rosa, 154  
96010-770 Pelotas, RS, Brasil